

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

Módulos espelhados:

Um relato de participação de crianças da educação infantil

Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes

Resumo: O artigo retoma a construção da obra “Módulos Espelhados”, no Parque Cultural Casa do Governador, em Vila Velha-ES, sob a perspectiva de seus aspectos conceituais. Essa retomada é feita para então elucidar sobre a importância dos materiais educativos voltados para a educação básica a partir do exemplo da obra *módulos* e do material que a acompanha, seguido do relato da interação de crianças da educação infantil com a obra. Desse modo, o relato que em muito reafirma os aspectos conceituais previamente pensados pelos artistas, evidencia a importância das estratégias de arte-educação para o recebimento do público nos espaços institucionais de arte, de modo que estas estratégias se desloquem para a escola.

Palavras-chave: Módulos espelhados. Material educativo. Experiência.

Mirrored modules:

A report on the participation of children in kindergarten

Abstract: The article resumes the construction of the work "Mirrored Modules", in the Casa do Governador Cultural Park, in Vila Velha-ES, from the perspective of its conceptual aspects. This resumption is made to then elucidate on the importance of educational materials aimed at basic education from the example of the work modules and the material that accompanies it, followed by the report of the interaction of students of early childhood education with the work. Thus, the report that very much reaffirms the conceptual aspects previously thought by the artists, evidences the importance of art-education strategies for the reception of the public in the institutional spaces of art, so that these strategies move to the school.

Keywords: Mirrored modules. Educational material. Experience.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

1 Introdução: o que são os módulos?

Principalmente pelo contato e pela experiência “Módulos espelhados” (Imagem 01) se apresentam ao público. A escultura compôs a exposição temporária do Parque de Esculturas do Parque Cultural Casa do Governador, em Vila Velha, entre 2022 e 2023 e foi selecionada por meio do EDITAL DE SELEÇÃO DE PROPOSTAS ARTÍSTICAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PARQUE DE ESCULTURAS REFERENTE AO PROJETO PARQUE CULTURAL CASA DO GOVERNADOR, VILA VELHA-ES Nº 001/2021, da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT) do Espírito Santo.

Imagem 01: *Obra “Módulos espelhados”*



Fonte: Arquivo pessoal.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

No desenvolvimento e na necessidade de fazer-se obra de participação - dada sua proposta conceitual - os artistas Thiago Sobreiro e Maria Menezes recriam formas observadas na cidade para criação de um ambiente que é lugar de convívio e experiências, assim como é obra de arte.

Evocar que o trabalho aconteça na prática, para além do seu acontecimento enquanto objeto estético convida ainda a pensar sobre as estratégias educativas que surgem como possibilidade a partir dele.

Não obstante, a escultura se desdobra em dois outros elementos: uma versão igual à ela em formato digital, disponibilizada como filtro na rede social Instagram, cuja textura espelha o que estiver em torno do espectador, em sua câmera de celular e um material educativo voltado para professores de todas as etapas da educação básica, tanto para versão física, quanto para a versão digital da obra.

A apresentação da proposta educativa da obra, aparece aqui em contraponto ao relato das crianças no CMEI Yolanda Lucas, em Inhanguetá, sobre sua ida ao parque e a relação com a escultura. Essa narração elucida sobre essa participação de forma ativa na obra, que tem mesmo como objetivo que ela aconteça.

Desse modo, neste artigo nos interessa saber como acontece a interação entre as crianças da educação infantil e os módulos, a partir do relato das crianças e professores. O artigo que segue é desenvolvido a partir das discussões abertas no Trabalho de Graduação de Thiago Sobreiro dos Santos. Agora, a escrita é compartilhada com a artista Maria Menezes, que constrói os módulos junto à Thiago Sobreiro.

2 Dar a ver, ver-se e ser visto: material educativo

Dar a ver a obra no parque, com todo entorno dentro de si; *ver-se* na obra, assim como *ver-se* no entorno; *ser visto* pelas formas e tê-las o encarando quando se olha: a obra torna-se sujeito de ação de inclui o olhar do espectador para devolvê-lo sobre si.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

A apresentação da escultura em espelho, traz à tona uma questão filosófica. De acordo com Marilena Chauí, a atitude filosófica de indagar passa necessariamente pela *reflexão*. “Por ser uma volta que o pensamento realiza sobre si mesmo” (CHAUÍ, 1994, p. 14). Obviamente, a autora refere-se a outra forma de reflexão e não necessariamente sobre o objeto espelho (ou aproximando desse caso, um acrílico espelhado). Olhar e ver-se, no parque, é também reflexo. É igualmente uma volta por si mesmo e pela paisagem que vem do entorno e toma a visualidade da obra.

De início é pontual dizer que não é inocente o ato de se ver inserido em uma obra. As formas modulares, como apresentação (ou recriação) de uma cidade em espelhos, convida a ver-se, ver o parque mimetizado ou a obra mimetizada à ele e refletir sobre sua imagem inserida em uma escultura que é um recorte de uma rua. As formas dos módulos suscitam a rua e o reflexo dos prédios que ocupam os centros comerciais de uma cidade, mas, no espaço que é de fato urbe, que não é obra de arte, quando se está realmente inserido nessa forma? Os reflexos de quem transita pelos centros comerciais, os trabalhadores dos espaços vêem sua imagem no exterior do prédio, em um estado constante de estar fora, de não participação. O uso do espaço é agregado ao trabalho, no momento do exercício de sua função e aí esse sujeito torna-se um pouco pertencente ao espaço, sem que detenha o de fato.

Retornando à questão filosófica, “Já a reflexão filosófica indaga: Por quê?, O quê?, Para quê?, dirigindo-se ao pensamento, aos seres humanos no ato da reflexão” (CHAUÍ, 1994, p. 15). Então, existe aqui uma indagação: Um convite a ver e interagir com a recriação de formas que se referem aos locais onde normalmente a interação é cerceada pelas relações de trabalho puramente. Sem que seja literal demais, se apresenta ao espectador a necessidade de pensar sobre as construções do espaço e suas relações de poder inscritas, na forma estética que é também estratégia de exclusão.

Todas as questões levantadas pelos artistas ganham dimensão com a construção de um material educativo. Tão importante quanto a obra em si, é a idealização do que pode surgir a partir do objeto. Tendo em vista o percurso que dá sentido à obra - dar a ver, ver-se e ser visto

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

- é urgente estruturar estratégias que discutam o trabalho. O objeto que comunica necessidade de ação ao público, precisa objetivamente propor conversas que sejam caminhos para todas as questões que se pretende falar, e então, deixar como possibilidade que tantas outras surjam.

É na intenção de suprir essa urgência de diálogo sobre a mediação da escultura que surge o “Material Educativo Módulos Espelhados”¹ voltado para professores(as). A escolha de um material voltado para professores da educação básica, como este, é a constatação de que a arte-educação acontece para além dos espaços institucionais de arte. Na efetiva construção de sentidos sobre o objeto artístico e suas perspectivas, a escola é espaço de produção e criação, assim como os espaços institucionais.

A escola é espaço de criação e essa criação torna-se possível também pelo contato externo, com os espaços institucionais ou não de arte como referência e como experiência de repertório do que pode vir a ser feito, desdobrado e recriado. A artista e professora Fayga Ostrower fala sobre o ato criador como parte fundamental da infância em seu livro “Criatividade e processos de criação”. Ostrower define a criação como

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1987, p. 9).

Desse modo, uma obra participativa, que se reformula de acordo com a presença (e a interação) de seu público é o retorno constante ao ato criador. Se criamos sempre que damos forma à algo novo, como sugere a artista/professora, sempre que se brinca de ver-se refletido na obra, fotografar-se nos módulos, subir ou sentar sobre ele, a aparência da obra se reformula e assim, uma nova obra surge diante daquele que a vê. Fruir a obra, é também criar com ela.

¹ O material educativo está disponível no perfil da rede social Instagram @modulosespelhados (onde também está o filtro desenvolvido) e pode ser acessado pelo link [educativo-modulosespelhados.pdf - Google Drive](#) Acesso em: 30 jun. 2023.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

O material é, portanto, um conjunto de orientações sobre ações possíveis a partir da obra com as três etapas da educação básica (infantil, fundamental e médio), mais uma proposta de ação a partir do filtro da obra disponível na rede social Instagram (Imagem 02). O filtro é considerado versão da obra no universo digital e parte do material educativo.

Acessar a obra por um filtro, que também tem superfície que funciona de modo semelhante à espelhos, de qualquer lugar uma vez que não seja possível ir ao parque é tido como estratégia de garantir acesso democrático aos módulos. Essa proposta educativa tenta, então, não se limitar aos problemas estruturais que possam distanciar a escola do trabalho. É evidente que o contato com a obra e o efeito provocado pela experiência *in loco* talvez não caiba em sua versão digital. Ainda assim, de todo modo, o material entrega a experiência da obra e todas as possibilidades de diálogo sobre a contemporaneidade dos trabalhos de arte, sua relação com a tecnologia e as diferentes formas de apresentação e materialidade.

Nesse caso, a interação do espectador com as duas obras não só é participação e ato criador como também a abertura de um diálogo entre diferentes trabalhos de arte. A associação de ambas para a criação de um novo espaço, este virtual, em que embora sejam filtros diferentes elas co-existem nessa imagem.

O terceiro objeto do projeto “Módulos espelhados”, o material educativo, é uma prévia do que pode ser feito a partir da obra. São sugeridas quatro atividades, uma para cada nível de ensino (infantil, fundamental e médio) e uma de interação com o filtro que independe da idade dos alunos. As propostas de atividade planejadas no material educativo sugerem interações com o bairro ao redor da escola, registros no caderno sobre nossa relação com a cidade, construção de cartografias afetivas e discussão sobre arte e tecnologia a partir do filtro.

Porém, essas atividades apresentadas não são as únicas possíveis, assim como as crianças do CMEI Yolanda tiveram outro desdobramento a partir de sua visita: montar pequenos módulos com caixas de papelão cobertas por papel alumínio, o que se tornou um brinquedo fixo da sala de aula.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

Nesse relato que segue, das crianças e sua relação com a obra, novamente coloca-se a inventividade das professoras que, primeiro, recriam os módulos com os materiais mais cotidianos que possam remeter a eles (papel alumínio e caixas pequenas, como de remédio) e das crianças, que se apropriam desses objetos-módulos como brinquedo que se recria ao criar novas fórmulas cotidianamente no ambiente escolar.

Imagem 02: Filtro “modesp” na rede social Instagram.



Fonte: Reprodução por printscreen do perfil @modulosespelhados na rede social Instagram (Disponível em: <https://www.instagram.com/modulosespelhados/> apenas para aplicativo no celular ou tablet. Acesso em: 24 jan. 2023.

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

O filtro da obra é, portanto, criação de um novo ambiente, mas ele não é um fim em si das possibilidades. Novos módulos podem surgir de inúmeras formas para os visitantes, como surgiram para as crianças em sala de aula.

2.1 Um relato de experiência da educação infantil com os módulos

A produção de um material educativo não pode ser o gesto ingênuo que tenta dar conta de todas as experiências com o trabalho de arte e aqui, de fato, não é. Os relatos que seguem surgem da visita de uma turma da educação infantil ao Parque Cultural Casa do Governador que não seguiu as ações propostas no material. A professora responsável pela mediação de todo trabalho com as crianças encaminhou a descrição das experiências narradas pelas crianças que serviram de base também para o trabalho de Graduação do artista Thiago Sobreiro dos Santos, intitulado “Módulos Espelhados: da criação a experiência participativa de uma obra monumental”.

Os módulos são criados a partir da parte da inspiração de dois artistas que apesar das vivências em formatos distintos de organização espacial da cidade, têm em comum um contato tardio com os centros comerciais e sua arquitetura contemporânea. Esse contato é movido por uma relação de fascinação com os monumentos, prédios, praças e instituições de arte e cultura que não fazem parte das experiências infantis de ambos.

Tal encantamento, entretanto, não é descolado da preocupação sobre como ela, a cidade, se articula para a exclusão dos corpos que não detêm os meios de produção, ainda que participem desses espaços como força de trabalho.

Assim, surge a ideia de um trabalho interativo que faz o espectador participar dos espelhos, recusar a passividade e refletir sobre sua participação na obra, na cidade e sobre si. Módulos espelhados não são apenas bancos revestidos de espelhos, com alusões a um portal. Trata-se de uma experiência imersiva que evoca discussões urgentes sobre o espaço, como por exemplo seu uso: De que forma participamos da cidade? Como posso chamar de minha uma

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

cidade que na verdade exclui meu corpo dos espaços pelas estratégias que delimitam sua utilidade? Onde está o espaço para criação nos centros urbanos? Eu crio no espaço da cidade?

As afirmações e as perguntas aqui feitas vão ao encontro à intencionalidade dos artistas na criação da obra. Ambas são perceptíveis no relato das crianças do grupo seis e professoras do CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Yolanda Lucas da Silva sobre suas experiências de visita ao parque e à escultura.

Nas palavras da professora V., pedagoga atuante na educação infantil da rede municipal de Vitória, no CMEI Yolanda,

Logo que vi a obra, fiquei encantada com os reflexos de luz emitidos pelo brilho, contrastando com os elementos da natureza. A interação com a obra, proporciona encantamento e nos faz refletir sobre nós mesmos, estabelecendo conexões com a forma que nós enxergamos na imagem. Foi muito interessante e gratificante ter contato com o ambiente cheio de sensibilidade e reflexões para a vida.

Um das principais intenções da arte é fazer com que o espectador passe a refletir a partir das suas vivências antes mesmo de saber o que o artista usou de inspiração para criar o trabalho. Então, saber sobre esses olhares fazem o trabalho acontecer. A participação de cada espectador faz cada um ter uma experiência diferente a depender da hora, do dia, do clima, e do período do ano em que as árvores podem ter mais ou menos folhas.

Ao considerar como objeto de criação a valorização da experiência, é pulsante pensar no ato criador. Retomando o que diz Ostrower, “Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade [...] (1987, p. 9), criar, na educação em arte, é tarefa diária. Relacionar os módulos a um estado pessoal de reflexão sobre si, sobre se ver e sobre a imagem de modo geral, como faz Valéria, é criar, dialogar sobre a escultura com as crianças é dar forma a algo novo, a um novo conhecimento, uma nova experiência sensível.

A experiência infantil com a arte é muito importante de ser ouvida. O olhar da criança, com sua uma bagagem pessoal, revela a experiência para além das referências que a escola passa para ela, existe na fala a experiência do ato, do contato imediato com a arte. É nesse

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

processo de conversa e escuta que nasce ainda a possibilidade de criação de uma cidade (e arte) que seja inclusiva e considere de forma participativa as crianças.

Desse modo, as crianças da professora V. (que aqui serão descritos com nomes fictícios) do grupo 6, todos com seis anos de idade, relataram sua experiência com a obra a partir de duas perguntas: O que você achou da obra, por que?; O que você sentiu na obra?

Em transcrição, as respostas foram:

- *Cristina: “parecia um espelho de letras. Senti que foi legal. Gostei do espelho porque teve como ver as pessoas”.*

- *Lígia: “Eu achei a obra legal porque a gente consegue se olhar. Senti a obra muito boa. Eu gostei muito de sentar no banco, porque foi gostoso”.*

- *Layla: “Eu amei ficar em pé nela. Eu adorei e fiquei muito animada para conhecer a obra. Eu senti uma felicidade muito forte no meu coração. Eu fiquei sentindo como se eu estivesse dentro do espelho”.*

- *Olívia: “Eu gostei porque podia ver meu próprio reflexo e podia sentar. Eu gostei de ver as fotos na sala e de fazer a escultura. Senti na obra dos espelhos que podíamos formar uma cidade”.*

- *Luana: “Eu amei! Eu adorei! Por causa que eu fingia que eu tava dentro do espelho. Eu senti uma felicidade muito forte no meu coração. Muito obrigada por fazer isso, eu adorei porque dá pra ficar em pé, dá pra imaginar mais coisas”.*

Poder ver o outro, poder ficar de pé, poder imaginar coisas... Os relatos remetem à necessidade de uso criativo e autônomo dos espaços, à necessidade de ludicidade no espaço urbano para que a cidade seja um ambiente justo de inclusão para as crianças.

A força da participação evidenciada nessas falas não se limita ao uso de uma criança e

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

seu potencial criativo e imaginativo: existe algo além que parece de extrema importância que seja destacado, que é, ver o outro. É nesta fala em específico que se nota a necessidade de criar como ação coletiva. Quando de fato nos vemos enquanto sujeitos que participam juntos da cidade? A fala da criança coloca a atenção direcionada ao outro no espaço como ação central da interatividade.

Nesta experiência voluntária das professoras de visitar o Parque com as crianças, conhecê-lo junto com elas e questionar sobre o que elas viram, foram compartilhadas conosco para a construção deste trabalho. As respostas obtidas, que revelam que os módulos espelhados, no olhar das crianças cumprem o sentido inicial que os artistas empregam em sua concepção.

Ao observar pequenos trechos do relato das crianças, o primeiro deles apresenta uma observação interessante: Cristina relaciona as letras ao formato da obra. Ainda que não defina a qual letra se refere, a fala dela nos leva a uma alusão ao início dos trabalhos de graffiti que dão origem à carreira de um dos autores como artista.

Mais adiante, Lígia diz “Gostei muito de sentar no banco porque foi gostoso” ou quando Layla relata que amou ficar em pé sobre a escultura e Olívia diz gostar por que pode se ver e sentar, o sentido posto de que a obra é espaço de convivência se revela na experiência das crianças. Andar por ela, ficar em pé, sentir como é gostoso ficar sentada no bosque fresco são experiências imersivas do espectador do parque em contato com o trabalho apresentado.

Do mesmo modo, quando Olívia diz sentir que “na obra dos espelhos podíamos formar uma cidade”, ela evidencia sua visão pessoal do que pode ser a urbe. Cada elemento dos módulos, derivado de uma forma observada na cidade - e para a cidade -, é notada na escultura pela espectadora Olívia e quando de fato é notada e lida assim, a obra abre diálogo para pensarmos nossa relação com a rua e com o que identificamos como rua.

Mais a fundo, tratando dos espelhos que cobrem a estrutura metálica, os relatos ouvidos são que “Eu amei! Eu adorei! Por causa que eu sentia que tava dentro dos espelhos”, “Eu gostei porque eu podia ver meu próprio reflexo”, “Eu achei a obra legal porque a gente pode se olhar”, “Gostei do espelho porque teve como ver as pessoas”. Todos esses fragmentos tratam do sentido

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

mais profundo e filosófico implícito: ver-se na obra. Fazer parte, de fato. Estar inserido junto aos colegas de turma, junto aos professores que os acompanham na visita. Sentir que estava dentro dos espelhos é sentir-se parte, é participação ativa na construção de uma nova visualidade para os módulos. Ao mesmo tempo, os relatos recebidos são únicos. O que foi visto pelas crianças é uma junção de fatores: o grupo, o dia, o posicionamento do sol ao céu naquele horário... assim como em qualquer outra visita, tratar da visualidade e do reflexo, é tratar da soma de fatores do que se pode ver naquele momento e então, resultar em um relato específico.

É a narrativa construída pelas crianças para e pelo trabalho que evidencia que apesar de montada, a escultura não está pronta e nem poderia estar: ela só finaliza ao somar todos os fatores descritos anteriormente evidenciando a necessidade do principal fator entre os descritos: o público.

3 Considerações finais

Do primeiro ao último relato das crianças transeuntes um ponto em comum é notável: a importância de se ver como parte. O reflexo que possibilita ora ver-se, ora ver o outro, ora criar/imaginar/sonhar é chave para pensar espaços participativos e inclusivos para todas as idades.

O ato criador é o espaço e a maneira pela qual o artista causa atravessamentos por experiências sensíveis. Ser atravessado envolve, entre outras coisas, também criar a partir das experiências que desloca o espectador do seu lugar comum para um novo espaço, este não físico, mas interno, em que o que antes era só objeto é agora um lugar. Nos módulos, este se torna um lugar de participação e de recriação de formas até então mimetizadas ao parque, que abdicam de sua mimetização para assumir a forma daquele que o observa.

Assim, dar a ver, ver-se e ser visto, é um modo de resumir os atravessamentos que tornam possível criar a partir de uma escultura finalizada. As crianças da educação infantil

Módulos espelhados: Um relato de participação de crianças da educação infantil

*Thiago Sobreiro dos Santos
Maria Tereza Aigner Menezes*

relatam sensivelmente os sentimentos e sensações gerados pela obra em sua soma de fatores e a escultura parece então encontrar seu sentido no espaço: a obra que se completa pelo público, a importância de ouvir a escola e seus percursos geradores de sentido para a efetivação de uma obra que acontece no contato e a necessidade de tratar com relevância o saber das crianças firmado em suas experiências lúdicas com o entorno que as circunda.

A relevância do relato das crianças que retoma os aspectos conceituais pensados pelos artistas é evidência da importância que tem a mediação com os públicos da educação básica, sobre como a escola, como espaço de saber, necessita do diálogo com os espaços institucionais para a ampliação do saber das crianças. Por fim, como esses espaços devem traçar estratégias que atendam as crianças e que dialoguem com os professores.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTOS, Thiago Sobreiro dos. **Módulos espelhados: da criação a experiência participativa de uma obra monumental**. 2022. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Artes Visuais) – Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.